

## Não haverá aleluia

Meio dia de uma sexta-feira da Paixão e o semáforo da Estados Unidos com a Nove de Julho demora um minuto e onze segundos para abrir. Não tenho ideia se o tempo de demora é aleatório ou meticulosamente calculado para provocar ansiedade e carros parados em um feriado, o que me faz lembrar Pequim e os semáforos inteligentes.

Mas agora estou na Estados Unidos e quero muito atravessar a Nove de Julho, porque venci super treino na academia que nunca fecha e lá fora o termômetro avisa dos trinta e dois graus-asfalto. Preciso de uma ducha gigante e não posso me atrasar para o almoço bacalhau.

Então surge o mendigo de skate no semáforo da Estados Unidos com a Nove de Julho, e mesmo com os vidros fechados e ar condicionado no quatro, consigo enxergar o corpo torto do mendigo se deslizando com skate, sem pernas e altura, com um braço moreno, infinitamente longo, esticado feito corda de força, dedos sujos da mão esquerda aberta tocando as janelas, em gesto esmola.

O mendigo, sem sucesso na primeira empreitada, já alcança o segundo veículo. Eu, na terceira fila, ainda preciso vencer trinta e sete segundos do semáforo. Além da banana pós treino no console e de um celular velho ao lado dela (o novo descansa embaixo do banco de motorista), não tenho moedas, cédulas ou sorriso, e sim pressa. Tento não enxergar o skate, o braço e os dedos sujos da mão esquerda do mendigo.

E de repente o inusitado e então haverá a redenção de todos os meus atrasos em sextas-feiras santas amaciadas por bacalhau a natas: o vidro da janela da motorista à frente se move, se ela demorar na contagem dos centavos, o semáforo irá colorir de verde o mar vermelho dos carros e motoristas, passageiros, até mesmo o mendigo, que deslizará abastado para a calçada, todos seguirão redimidos pela única janela aberta na sexta-feira nada santa da cidade grande dos trinta e dois graus-asfalto.

De fato, a janela se abre e vejo um cigarro esfumacento entre o indicador e o dedo médio de mão muito branca e pequena, com unhas de um rosa pontudo, pulseirinha no pulso fino de mão chique, também esquerda, a bater o cigarrinho na parte externa do vidro, banhando o mendigo de cinzas nada bentas em uma sexta-feira nada santa.

A janela se fecha. O mendigo nem reclama. Apenas fecha a boca, mantendo os olhos arregalados. E já se aproxima do meu carro. E ainda restam vinte segundos de luz vermelha.